

SURDOS

notícias

#06 | MAR/2011 | TRIMESTRAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
SURDOSnotícias



- 2 EDITORIAL**
Palavras do Director e Subdirector
- 3 JUVENTUDE SURDA**
Onde estão os Jovens Surdos?
- 4 ALUNOS SURDOS NO ENSINO SUPERIOR**
Mostrar o que não se vê: História da Língua Gestual Portuguesa
- 5 EDUCAÇÃO DOS SURDOS**
Linguagem e Surdez
- 6 EMPRESAS DE TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO EM LGP**
Entrevista a Ana Belã Baltazar
- 8 LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA**
Bilinguismo (conotado com as Pessoas Surdas)
- 9 DESPORTO**
Calendário de Eventos Desportivos
- 10 ACTIVIDADES**
Promoção do espírito de convívio
- 12 CULTURA E CIDADANIA**
Dois temas "confusos" na construção de um mundo melhor
- 13 ACESSIBILIDADE E TECNOLOGIA**
Que a Inclusão Museológica seja uma realidade
- 14 PÁGINA DO INTÉRPRETE**
Ser filha de Surdos: Uma aventura, um privilégio
- 17 LEGISLAÇÃO**
Uma Pessoa, um Cidadão
- 18 LEGISLAÇÃO**
Internacional e Nacional publicada entre Novembro e Janeiro
- 19 PASSATEMPOS**
Espaço Lúdico



SER FILHA DE SURDOS: UMA AVENTURA, UM PRIVILÉGIO

DEDICO ESTE TRABALHO
AOS MEUS QUERIDOS PAIS,
LÚCIA E ANTÓNIO FREIRE

Dr.ª Maria José Freire Almeida
CODA¹, ILGP e docente na ESE de Setúbal na licenciatura de Tradução e Interpretação de Língua Gestual Portuguesa

Em criança

Ser filha de pais surdos não se pode considerar como uma escolha mas, não o sendo, foi concerteza uma das circunstâncias que influenciaram o decurso da minha vida e que me ajudaram a encontrar o meu caminho. Muitas etapas se sucederam tal como na vida de qualquer criança ou adolescente, umas mais fáceis outras mais difíceis e que têm a ver com o próprio crescimento.

Ser filha de pais surdos permitiu que tivesse a oportunidade de crescer num mundo diferente do dos outros meninos

à minha volta. Um mundo que muito tinha de maravilhoso e surpreendente, características que só mais tarde pude apreciar pois em criança para mim tudo era natural.

Cresci com os meus pais que me deram todo o carinho e todos os ensinamentos que os pais naturalmente proporcionam aos seus filhos. Com eles fiz a aquisição da língua gestual portuguesa ao ritmo e com a curiosidade naturais de uma criança, sem pressas nem pressões. Recordo-me de, numa ocasião, muito pequena ainda, puxar a saia da minha mãe e perguntar o que diziam ela e o meu

pai, agitando o indicador em frente dos lábios, e eles explicaram-me que íamos à praia, ficando eu a pular de satisfação.

Fui crescendo e ao mesmo tempo que gestualizava com os meus pais falava oralmente com os meus familiares ouvintes, vizinhos e irmã. Não me recordo qual das duas línguas teve maior presença no meu dia a dia mas também não me apercebi que isso tivesse feito alguma diferença. Fui para a escola e tive uma escolaridade normal, sem grandes sobressaltos.

Já em pequena traduzia para os meus pais os telejornais, telenovelas e até discursos políticos. A minha irmã, Rita, pouco mais velha do que eu, já o fazia antes de mim. Fazíamo-lo com naturalidade e de bom grado e muitas vezes até nos divertíamos em família com algumas peripécias linguísticas. Por vezes criávamos gestos familiares para nos referirmos a situações ou pessoas famosas das quais, nós, ainda pequenas, não conhecíamos o gesto.

Nesta época, anos 60 e 70, não existia ainda, em Portugal, a profissão de intérprete de língua gestual e eram muitas vezes os filhos que tinham de assumir a tradução de situações por vezes difíceis e constrangedoras para uma criança, e igualmente crítica para os pais surdos, que se sentiam fragilizados nestas situações que deveriam ser eles a controlar como adultos. Recordo-me, por exemplo, que foi a minha irmã, com a idade de 14 anos, que acompanhou os meus pais e ajudou a tratar de toda a documentação para um pedido de empréstimo para compra da nossa casa, que incluía atestados médicos, contactos com bancos e outras entidades envolvidas. Nessa altura não havia alternativa para os pais surdos, quando, não tendo outro familiar adulto para os ajudar na comunicação, tinham de recorrer aos seus filhos com quem comunicavam facilmente.

Aos pais surdos de crianças ouvintes

- *Ter coragem e determinação para manterem os seus filhos junto de si e educá-los, pedindo ajuda quando necessário, mas sem prescindir da sua condição de pais.*

- *Facilitar o acesso dos filhos ouvintes à língua falada para que também a possam desenvolver. - Não basta ouvir TV é preciso que haja interacção em situações reais com pessoas falantes.*

- *Este é um direito das crianças ouvintes, como é um direito para as crianças surdas terem um acesso pleno à língua gestual, a sua primeira língua.*

- *Não abusar dos filhos como intérpretes. Apesar de nem sempre haver intérpretes disponíveis nas associações, os pais devem recorrer sempre a intérpretes para situações formais e de grande responsabilidade. (Não faz sentido que uma criança ouvinte traduza para os seus pais surdos uma reunião com a directora de turma da sua escola, ou que seja ela a traduzir os termos de uma escritura de compra e venda de uma casa, por exemplo.)*

- *CODA – Esta sigla significa Children of Deaf Adults (Filhos de Adultos Surdos) e corresponde a uma organização internacional que reúne filhos de surdos, eles próprios surdos ou ouvintes, e que promove encontros de CODAS a nível mundial para convívio e para debates sobre as questões que interessam aos filhos de surdos. Tem uma expressão muito significativa nos EUA, Europa do Norte e Oceânia. Existem grupos de conversa e contacto via Internet, no qual todos os CODAS mundiais podem participar. Em Portugal não existe ainda esta organização de modo formal, mas quem quiser pode pertencer ao grupo de conversa na Internet, como é o meu caso. Muitos dos CODAS ouvintes são intérpretes de língua gestual nos seus países.²*

- *Seria muito importante que houvesse uma associação deste tipo no nosso país, ou que dentro das associações de surdos e das associações de pais de crianças surdas existisse um departamento que se ocupasse dos filhos de pais surdos, por um lado, para lhes proporcionar aconselhamento e, por outro, apoio através da criação de infraestruturas, que lhes forneçam, por exemplo, um serviço de intérpretes. O aconselhamento é necessário para sensibilizar os pais surdos para as ajudas técnicas que existem e que lhes facilitam o dia a dia, e, é ainda mais importante para elevar as suas expectativas quanto às capacidades e ao futuro dos seus filhos.*

Esta situação prevaleceu durante muitos anos, mas a partir dos anos 80 começou a modificar-se lentamente quando os primeiros intérpretes começaram a ser recrutados por algumas associações de surdos para apoio aos seus associados. Na altura, não existia ainda formação de intérpretes, que começou apenas em 1989, por esse motivo, estes intérpretes eram na sua maioria filhos ouvintes de pais surdos que dominavam bem a língua gestual ou outras pessoas

que por outras razões mantinham um contacto estreito com as associações de surdos e que também conheciam a língua gestual.

Na nossa família manteve-se o núcleo familiar: pai, mãe e filhas, mas penso que não terá sido assim com todas as crianças ouvintes filhas de pais surdos. Alguns pais surdos viviam muitas inseguranças pois receavam não conseguir educar bem os seus filhos e entregavam-

nos aos avós ou tios. Hoje em dia já não acontece com tanta facilidade, apesar de ainda se verificar a pressão de alguns familiares. Os pais e mães surdos sentem maior confiança nas suas capacidades e não permitem que lhes sejam retirados os seus filhos. Criam-nos com toda a competência e amor e podem recorrer a algumas ajudas técnicas que lhes facilitam a vida no dia a dia, por exemplo, podem usar alarmes luminosos ou vibratórios que se acendem ou activam se o bebé estiver a chorar e que podem transportar consigo por toda a casa.

Aos pais ouvintes e surdos de crianças surdas

- Apesar dos receios e dúvidas dos pais de crianças surdas, hoje existem estudos científicos e experiências, já com muitos anos, sobre a educação de surdos que comprovam que a abordagem educativa das crianças surdas, sobretudo as surdas profundas e severas, deve ser uma abordagem bilingue e bicultural, onde a primeira língua é gestual e a segunda a língua escrita.³

- A criança surda necessita de um ambiente bilingue e bicultural para ter um desenvolvimento harmonioso.

- A sua primeira língua deve ser a língua gestual, para isso os pais e restantes familiares devem aprender esta língua e comunicar com a sua criança surda.

- A primeira língua, a língua gestual, não deve ser ensinada mas sim adquirida num ambiente envolvente natural, para promover o desenvolvimento linguístico e cognitivo da criança surda que lhe permitirá realizar todas as outras aprendizagens: língua portuguesa e as outras matérias escolares

- A língua dos pais, no nosso caso a língua portuguesa, será a segunda língua aprendida com recurso à leitura e à escrita. A fala é considerada complementar e não deve prejudicar as outras aprendizagens (não interessa que uma criança repita as palavras oralmente se não as souber interpretar e contextualizar).

- Para que uma criança possa fazer a aquisição natural da sua primeira língua deve estar exposta a essa língua constantemente e ter acesso a exemplos completos da língua. Se a surdez da criança impedir que ela possa ouvir frases completas então a língua oral não pode ser a sua primeira língua e sim a língua gestual, porque assim tem acesso total a ela através da visão.

- Também não se devem misturar pedaços das duas línguas, oral e gestual. Devem ser usadas separadamente e respeitando a gramática de cada uma das línguas, conforme uma investigadora sueca afirma:

"(...) ninguém esperaria que uma criança ouvinte aprendesse uma língua com alguém que mistura fragmentos de duas línguas totalmente diferentes, usando algumas palavras de uma língua em estruturas frasais pinçadas de outra língua. Então, porque deveríamos esperar que a criança surda aprendesse uma língua desse modo, quando tipos diferentes de sistemas inventados de fala e sinais⁴ são utilizados? (Svartholm, 1998:40)

- O acesso à língua escrita deve ser incentivado precocemente, através da leitura de histórias às crianças, em língua gestual, mas na presença do livro e da palavra escrita, usando livros infantis com imagens coloridas de modo a ser cativante para a criança o manuseamento de livros. Também se podem utilizar mensagens escritas, para deixar recados, ou comunicar por escrito através do telefone de texto ou do computador. A criança surda começa assim, desde cedo, a compreender a utilidade da leitura e da escrita e desenvolve um interesse natural por essa forma de comunicação que será tão importante na sua vida académica e profissional.

Por outro lado, é importante que os pais surdos sejam sensibilizados para o facto de os seus filhos, independentemente de serem surdos ou ouvintes, terem todos os direitos de qualquer cidadão do seu país, ao nível da saúde, bem estar e educação. Os pais devem ser incentivados a elevarem as suas expectativas quanto ao futuro dos seus filhos e a encorajarem-nos a seguir uma carreira académica e profissional, como qualquer outra criança ou jovem pode seguir. O que acontece, por vezes, é que as pessoas surdas viveram experiências tão difíceis no seu percurso escolar e profissional que se sentem desanimados quanto aos seus filhos, mas é importante que sejam informados e apoiados no sentido de eles próprios incentivarem os seus filhos a procurar melhores condições e a saberem que a sociedade tem o dever de proporcionar a todos uma verdadeira igualdade de oportunidades.

Eu tive a sorte de viver sempre com os meus pais, e digo sorte porque esse facto deu-me dois trunfos importantes para a minha vida futura: cresci com o amor dos meus pais e tornei-me uma pessoa bilingue, com todas as vantagens que hoje se reconhecem e que a ciência aponta, nomeadamente o efeito positivo que um ambiente bilingue tem sobre o desenvolvimento cognitivo, social e pessoal de qualquer pessoa.

Assim pudesse igualmente acontecer com todas as crianças surdas filhas de pais ouvintes. O acesso precoce a um ambiente bilingue e bicultural não é só uma vantagem para as crianças surdas é imprescindível para o garante do sucesso do seu desenvolvimento global, para

PÁGINA DO INTÉRPRETE



http://www.photos8.com/walls/father_and_daughter_beach_walking-other.jpg

a sua vida pessoal, académica e profissional futura.

Em criança convivi sempre nas duas comunidades, surda e ouvinte, mas recordo-me sobretudo dos momentos especiais vividos na comunidade surda, os encontros na Associação Portuguesa de Surdos, fundada em 1958, o mesmo ano do meu nascimento. Os passeios em grupo, as festas de Natal e Ano Novo, o Carnaval, os torneios de futebol e bilhar, as peças de teatro e os palhaços surdos. Estes eram momentos de convívio partilhados entre todos, onde as conversas fluíam naturalmente em gestos ou oralmente, entre surdos e ouvintes, pais, fi-

lhos e amigos. Este ambiente acolhedor e de convívio decorria alegre e naturalmente e, dele, poucos, lá fora no mundo ouvinte, se apercebiam da sua existência, alheados do que seria ser surdo, ter uma língua diferente e participar de uma comunidade rica e cheia de vida.

Na adolescência

Só na adolescência me comecei a aperceber das dificuldades que os meus pais e as outras pessoas surdas tinham que enfrentar na sociedade maioritariamente ouvinte. Dificuldades no acesso à educação, no acesso à formação e no acesso à informação. Questões que sempre preocuparam a comunidade surda e que têm vindo a ser debatidas nas associações de surdos. Lentamente começaram, sobretudo em anos mais recentes, a vir a ser ultrapassadas tendo-se conseguido dar alguns passos positivos com o reconhecimento da LGP em 1997.

Os primeiros anos de adolescência foram os mais difíceis. Comecei a sentir a diferença, a ser apontada como diferente por ter pais surdos, a sofrer alguma intolerância ou então a ser alvo de um paternalismo humilhante gerado pela ignorância. Então reagi mal, por vezes com revolta e vergonha, outras vezes com orgulho e determinação, contra uma sociedade retrógrada e desinformada.

Na família atravessei momentos difíceis, próprios do crescimento. Passei por momentos de incompreensão, revolta, indecisão e atribuí esses maus momentos ao facto de ser filha de pais surdos,

pois achava que eles não me compreendiam. Nada mais errado! Só mais tarde compreendi que a incompreensão vivida estava relacionada com a diferença de gerações, com o choque entre pais e filhos. Pois se até falávamos a mesma língua! A pouco e pouco, com algum amadurecimento, entendi este facto e atingi de novo a serenidade no convívio com os meus pais. O problema de comunicação nem sempre tem a ver com o modo como comunicamos mas com a compreensão que temos da vida e das circunstâncias.

Actualmente, a sociedade está um pouco mais informada sobre a comunidade surda e a língua gestual portuguesa, por intermédio da televisão e da presença da LGP na televisão e de alguns programas informativos, que se têm vindo a fazer. No entanto, apesar de haver mais informação ainda surgem muitas situações de desconhecimento e de intolerância que dificultam a vida das pessoas surdas. ■

Continuação no próximo número...

¹ CODA – Sigla que significa “Filhos de Pais Surdos” (do inglês: Children of Deaf Adults)

² O endereço de contacto na Europa, para o qual se pode pedir a adesão é: coda_europe@yahoo.com, e o endereço onde se pode consultar informação é <http://www.coda-international.org>

³ Consultar os autores referidos na bibliografia, entre outros: Ahlgren, Amaral, Delgado-Martins, Jokinen, Lane, Mahshie, Sim-Sim, Svartholm e Stokoe

⁴ No Brasil a Língua Gestual é designada por Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)

Alguns sucessos da comunidade surda

- *Reconhecimento da LGP – Lei 1/97 de 20 de Setembro, Quarta Revisão Constitucional.*

- *Tradução TV e legendagem por teletexto, na sequência de um protocolo celebrado, em 1999, entre a RTP, a Associação Portuguesa de Surdos e o Secretariado Nacional de Reabilitação; em 2005 foi feito um novo protocolo entre as televisões (RTP, SIC e TVI) e o governo, que dá continuidade ao trabalho de legendagem e interpretação em LGP.*

- *Reconhecimento e definição das condições de acesso à profissão de intérprete de LGP – Lei 89/99 de 5 de Julho (carece ainda de regulamentação específica).*